

## Horizontes virtuais: Transformações que emergem da cibercultura.

Raviv Rozenkviat ([ravivrozen@gmail.com](mailto:ravivrozen@gmail.com))

(<http://lattes.cnpq.br/3263751445373638>)

### TRANSFORMAÇÕES QUE EMERGEM DA CIBERCULTURA

É de extrema importância para nós – cientistas sociais – nos debruçarmos sobre os caminhos e conseqüências que a revolução, o advento e a propagação da internet estão acarretando. Podemos supor, porém só a historia confirmará, que o fenômeno da revolução informacional é tão relevante e transformador que pode ser equiparado, por exemplo, à revolução industrial. Ou seja, estamos vivenciando no nosso dia-a-dia uma mudança de era tão intensa que mudará significativamente muitas de nossas práticas sócio-culturais.

Ainda é cedo para afirmar como essas transformações irão ocorrer ao longo do tempo, mas podemos especular sobre alguns caminhos que parecem se desenvolver neste contexto.

Os modos de desenvolvimento modelam toda a esfera de comportamento social, inclusive a comunicação simbólica. Como o informacionalismo baseia-se na tecnologia de conhecimentos e informação, há uma íntima ligação entre cultura e forças produtivas e entre o espírito e matéria, no modo de desenvolvimento informacional. Portanto, devemos esperar o surgimento de novas formas históricas de interação, controle e transformação social.(CASTELLS. 1999. p. 54)

Sendo assim, o objetivo deste artigo é refletirmos sobre algumas dessas tendências, e suas possíveis repercussões, principalmente no que concerne aos processos cognitivos dos sujeitos que a cada dia mais adentram e se aprofundam na sua interação com a virtualidade.

O olhar aqui proposto não é objetivo (não busca olhar um objeto específico), porem, contextualizador. Seguindo uma perspectiva transdisciplinar

voltamos nosso olhar para aquilo que está **entre, através e além** (NICOLESCU. 1999). Ou seja, para as interconexões, caminhos e propósitos dos objetos provenientes do fenômeno estudado, pois só assim daremos conta de melhor entender algo que está em plena transformação, é fluido, heterogêneo e está em movimento e construção. Portanto, para entendermos melhor este fenômeno multireferencial buscaremos seguir alguns dos **atores** (LATOURE. 2005) e tentar entender as interconexões que os afetam e os fazem afetar. O objetivo principal aqui, portanto é tentar vislumbrar algumas das possibilidades<sup>1</sup> que se avizinham no horizonte da chamada cibercultura.

## INTERCONEXÕES REGIONAIS X INTERCONEXÕES VIRTUAIS

Uma das tendências que podemos observar reside na vasta abertura da gama de interconexões que o meio informacional nos proporciona. Torna-se relevante considerar que antes do advento e popularização da internet as possibilidades de novas interconexões (relações, afetos, idéias e etc.) eram de certa maneira limitadas geograficamente. As possibilidades de interação dos sujeitos ficavam então, restritas à sua capacidade de transito regional. Questões como: com quem se relacionar, que conhecimentos adquirir, que religião adotar, quais ideais a se abraçar, dentre varias outras, ficavam limitadas à capacidade do individuo de transitar geograficamente. Sendo assim, a possibilidade de novas e diferentes interconexões permanecia em um horizonte relativamente restrito. Este fato se torna importante, pois podemos considerar que reside em nossas possíveis novas - e antigas – interconexões a capacidade de se transformar e se desenvolver como sujeitos.

No entanto, no momento em que nos inserimos no contexto virtual as limitações para as interconexões se reduzem drasticamente. Passamos a poder nos comunicar com muito mais facilidade – e frente a uma maior diversidade – com pessoas e idéias de qualquer parte do mundo<sup>2</sup>. Podemos fazer amigos e até mesmo namorar com pessoas que residem em outro estado

---

1 Poucas, certamente, perante um assunto tão vasto.

2 Mesmo que haja ainda certas limitações lingüísticas, o potencial para isso continua relevante.

ou pais, ou mesmo alguém que resida mais próximo, mas que teríamos poucas possibilidades de conhecer de forma tradicional.

Mais do que isso, abrem-se as possibilidades de entrar em contato com novos conhecimentos outrora inacessíveis. Encontramos pontos de convergência e interesses que são capazes de mudar significativamente a maneira como observamos – e conseqüentemente interagimos – com o mundo.

Sendo assim, a distancia não é mais um limite como era antes. O mundo que se abre pela virtualidade nos encaminha a uma diversidade imensa de novas possíveis interconexões. Esta constatação nos leva à necessidade de refletir sobre como esse “novo mundo” afeta as pessoas que dele participam. Que tendências levarão esta abrangência – por vezes excessiva – de possibilidades de informações e interconexões?

## DIVERSIDADE X HOMOGENEIDADE

Uma questão interessante de se refletir é se este vasto mundo da internet gera, na população que a usa, uma maior tendência para a diversidade ou para a homogeneidade.

Em um primeiro momento poderíamos supor que a rede que tece a internet é tão vasta e tantos caminhos distintos são possíveis nesta transtexualidade, que as pessoas gradualmente ganhariam características distintas a partir de sua interação com ela. De fato diversidade não falta no mundo virtual, há todo tipo de idéias, ideologias, músicas, filmes, culturas, credos e etc. Qualquer interesse ou gosto que se tenha pode ser, sem muita dificuldade, encontrado na internet. Desde as mais sublimes sabedorias até as mais sombrias curiosidades e desejos humanos podem ser acessados. Coisas que não seriam tão possíveis sem o campo virtual que a internet proporciona.

Mesmo assim a questão permanece: será que possuir essa capacidade de se obter praticamente qualquer tipo informação, geraria para essa população características de maior diversidade do que daquela que não tem acesso ao ciberespaço?

Podemos olhar esta questão sob outro prisma. Mesmo que considerarmos que dentro do ciberespaço a diversidade seja imensa, será que a prática de

interação com o ambiente virtual propicia a diversidade? Se observarmos esta questão com maior cuidado poderemos vir a constatar que as práticas, em sua grande maioria, não diferem muito uma da outra. Percebe-se que boa parte dos usuários usa, com leves variações, basicamente os mesmos aparatos de inscrição (LAW. 2006): e-mail, comunicadores instantâneos, redes de relacionamentos, jornais virtuais populares e etc. gerando assim, em muitos casos, uma homogeneidade entre aqueles que estão inseridos nesta prática, como o uso de um linguajar próprio e uma tendência de conhecimento superficial sobre diversas coisas ao invés de aprofundamentos específicos, por exemplo.

## PERIGOS A VISTA

Podemos aqui refletir sobre o perigoso abismo criado entre aqueles que estão inseridos no contexto informacional daqueles que dele estão excluídos. Cada dia aumentam e ficam mais evidentes as limitações que recaem aos excluídos. Tudo indica que em breve os “analfabetos digitais” estarão em um patamar muito similar aos analfabetos de fato, ou seja, sua capacidade de se comunicar e interagir com o mundo se reduz drasticamente enquanto a cibercultura se populariza.

Certamente este não é o único dos perigos. Muitos só o futuro revelará, mas existem algumas questões preocupantes nas práticas sócio-culturais relacionados à cibercultura que já estão se pondo em evidencia e que merecem ser pontuados.

Antes de tudo precisamos considerar que a internet é um meio, não um fim. Ela se apresenta como uma oportuna ferramenta, mas é na forma de usá-la que reside o pendor da balança entre as conseqüências positivas ou negativas que possa causar.

É sabido que podemos encontrar muitos desvios de conduta na internet, desde pessoas burlando o sistema para fins financeiros, até pessoas se mascarando ou criando personagens fictícios para os mais diversos fins, alguns deles inclusive de extrema nocividade principalmente para usuários mais jovens e susceptíveis a serem ludibriados.

Outro perigo que merece ser destacado provem do uso e envolvimento excessivo – por vezes doentio – do espaço virtual, que pode vir a causar uma série de distúrbios psíquicos e sociais, como, por exemplo, isolamento familiar e social, sedentarismo, diminuição da observância das obrigações diárias, dentre tantos outros.

A realidade é que todos nós fomos tomados de surpresa por este “choque ao futuro”, ninguém nos preparou para evitar estes excessos. Creio que, à medida da tomada de consciência dos perigos do uso excessivo da informática, as pessoas mais avisadas terão de se organizar para preservar a sua saúde mental e física. (WEIL. 1997. p. 63)

O psicólogo Dr. Pierre Weil em seu artigo intitulado *a normose informacional* (WEIL; LELOUP; CREMA. 1997) levanta algumas questões que merecem nossa consideração neste tema. Segundo Weil: normose “é o resultado de um conjunto de crenças, opiniões, atitudes e comportamentos considerados normais, logo em torno dos quais existe um consenso de normalidade, mas que apresentam conseqüências patológicas e/ou letais”(idem), ou seja, certas práticas podem até ser usuais, mas nem por isso são necessariamente saudáveis. No decorrer do artigo o Dr. Weil aborda novos transtornos psíquicos e físicos ligados diretamente ao uso excessivo da internet como a informatose e a cibertose. O primeiro transtorno aborda os sintomas nocivos advindos do uso excessivo da internet como o isolamento e alienação, dentre outros. A segunda considera as possíveis conseqüências físicas e psíquicas do uso constante do computador como, por exemplo, a atrofia de certas capacidades mentais, e a possibilidade de efeitos fisiológicos ainda não devidamente estudados.

Estes exemplos servem para, dentre outras coisas, passarmos a observar e estudar com maior acuidade a capacidade de influência desta nova gama de tecnologias, que por um lado pode nos trazer muitas benesses, mas por outro pode também nos adoecer e embotar como sujeitos.

## HORIZONTES VIRTUAIS

Concluo este artigo chamando atenção ao óbvio. Muitas transformações psíquicas e sócio-culturais estão e irão acontecer nesta era em que a cibercultura se torna cada vez mais presente em nossa sociedade. No decorrer do presente artigo tivemos oportunidade de levantar algumas poucas observações e implicar diversas outras questões que merecem ser estudados com maior profundidade sobre este fenômeno emergente.

Acredito que temos a responsabilidade de considerar que por mais que não possamos controlar os efeitos positivos ou destrutivos advindos desta nova prática sócio-cultural, cabe a todos nós ficarmos atentos, e aprofundarmos nossos estudos neste novo caminho em transformação, para assim, na medida do possível, reforçarmos as interconexões positivas e saudáveis, e minimizarmos – até onde seja viável – as negativas e potencialmente doentias.

Pois, no fim das contas, o fato da cibercultura se manifestar a partir de um ambiente virtual, não significa que não afete profundamente a nossa realidade objetiva e subjetiva. Sendo assim, para o sujeito inserido o “mundo virtual” pode ser tão real quanto qualquer outro, lhe afetando profundamente e o permitindo afetar. Esta influencia, no entanto, se não bem discernida e orientada, é capaz até mesmo de transformar este mesmo sujeito em objeto, um ser alienado que segue na trilha da vida como uma ovelha perdida em um grande rebanho.

Por outro lado, mesmo com os temores e os perigos à vista, é essencial não perdermos de vista o imenso potencial transformador que a revolução informacional tem para a humanidade. Permitindo um patamar crescente de compartilhamento de informações de forma cada vez mais igualitária, onde esse nível de liberdade, provavelmente nunca antes registrado – mesmo com os riscos que ela prove – não deixa de ser um sinal de desenvolvimento e esperança e para toda humanidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo. Triom, 1999.

LATOUR, Bruno. Reassembling the Social - An introduction to actor-network-theory. Oxford: Oxford University Press. 2005.

LAW, John. After method: mess in social science research. London. Routledge, 2006.

WEIL, Pierre. e LELOUP, Jean Yves e CREMA, Roberto. Normose: a patologia da normalidade. São Paulo. Thot, 1997.

### **SOBRE O AUTOR**

Raviv Rozenkviat possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2003), graduação em Bacharel em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2003) e mestrado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2006).

